

LAVADEIRA EM PERNAMBUCO E NOSSA SENHORA DA ABADIA EM GOIÁS: efervescências de “santuários” festivos e turísticos

Isis Maria Cunha Lustosa

Doutoranda em Geografia – Universidade Federal de Goiás

isismclustosa@hotmail.com

Resumo

Esse artigo é oriundo dos aportes suscitados durante os debates da disciplina ‘dinâmicas dos santuários festivos e seus lugares simbólicos’ oferecida no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás no segundo semestre de 2010. O intuito é discutir a efervescência de dois “Santuários” Festivos e Turísticos. Primeiramente, enfatiza-se a Festa da Lavadeira, na região Nordeste, no estado de Pernambuco. Esta servirá de base para se complementar as discussões contrastantes (semelhanças e diferenças) tomando-se como segundo arrimo outra realidade presente na região Centro-Oeste, a Festa da Nossa Senhora da Abadia do Muquém, Goiás. Os citados “Santuários” Festivos estão prenhes de atividades que os movimentam. O turismo como um vetor contemporâneo dinamiza ainda mais toda a efervescência provocada pelo (antes, durante e depois) das festas. Este fenômeno torna-se categoria de análise prioritária neste artigo. Sendo assim, desenvolve-se o tema a partir de quatro níveis (perceptivo, descritivo, interpretativo e interativo) subsidiados também pelos vetores Mítico-Religioso, Político-Turístico e Mediático-Econômico/Ecológico com foco na Festa da Lavadeira, e, como por similaridade e diferença com a Festa da Nossa Senhora da Abadia do Muquém, as dinâmicas da festa pernambucana evidenciam a construção de um patrimônio contemporâneo.

Palavras-chave: Festa; Lavadeira; Nossa Senhora da Abadia; Muquém; Santuários; Turismo.

WASHERWOMAN IN PERNAMBUCO AND OUR LADY OF ABADIA IN GOIÁS: effervescences of festive and touristic “sanctuaries”

Abstract

This article is based on information that was touched on during debates in the course ‘dynamics of festive sanctuaries and their symbolic places’ offered in the Programme of Research and Post-Graduate Studies in Geography of the Institute of Socio Environmental Studies, Federal University of Goiás in the second semester 2010. The aim is to discuss the effervescence of two Festive and Touristic “Sanctuaries”. In the first place, emphasis is given to the Washerwoman Festival, in the Northeast region of Brazil, in Pernambuco State. This serves as a base to complement the contrasting discussions (similarities and differences), taking as a second support another reality present in the Central-West region of Brazil, the Festival of Our Lady of Abadia of Muquém, Goiás. The cited Festive “Sanctuaries” are full of activities which make them alive. Tourism as a contemporary vector dynamises even more all the effervescence provoked by (before, during and after) the festivals. This phenomenon becomes a priority category of analyses in this article. This being so, the theme is developed in four levels (perceptive, descriptive, interpretative and interactive) subsidized also by the Mythical-Religious, Political-Touristic and Mediatic-Economic/Ecological vectors with a focus on the Washerwoman Festival, and, through similarity and difference with the Our Lady of Abadia Festival of Muquém, the dynamics of the Pernambuco festival make the construction of contemporary heritage evident.

Keywords: Festival; Washerwoman; Our Lady of Abadia; Muquém; Sanctuaries; Tourism.

Introdução

Neste artigo a Festa da Lavadeira - PE impulsiona as discussões devido à vivência pessoal no município, na localidade e no cerne da comemoração. Para a análise da Festa de Nossa Senhora da Abadia do Muquém - GO o conhecimento não procede de experiência pessoal *in loco*. As reflexões sobre esta emanam da vivência descrita por Rosendahl (1999) há 11 anos em ‘Hierópolis: o Sagrado e o Urbano’ e, ainda por Oliveira (2010b) no artigo nomeado ‘Festa Religiosa Metropolitana e Santuários da Natureza: Ensaio Metodológico na Compreensão Patrimonial dos Lugares Simbólicos’. A matéria do jornal Correio Braziliense intitulada “Em nome da Fé” (2010) também subsidiou o contexto da festa goiana. Assim sendo, transcorre-se o texto e a exclamação incita o colóquio.

Festa da Lavadeira!... Para dialogar a respeito deste “Santuário” Festivo e Turístico a narrativa segundo Onfray (2009, p. 10) “sinuosa e zigzagueante” surge da estrada mental de quem descreve a experiência “com suas emoções, sensações, percepções [...] um punhado de imagens que permanecem”. Então, no ano de 1999 de retorno ao litoral sul de Pernambuco foi possível conhecer o município de Cabo de Santo Agostinho e “verificar a existência real e factual do local cobiçado, entrevistado pelos ícones, pelas imagens e pelas palavras” (ONFRAY, 2009, p. 32). Naquele momento, antes de realizar levantamentos de dados turísticos referentes ao Cabo observaram-se os rumores efervescentes do lugar, como: as veiculações a respeito da próxima Festa da Lavadeira na nova década (2000) e dos 500 anos (pernambucanos) do Brasil. Relata-se assim, pois:

O Cabo é tido como ponto de descoberta do Brasil. Alguns historiadores afirmam que antes de Pedro Álvares Cabral chegar à Bahia, Vicente Pinzon já teria atracado na bacia de Suape, no dia 26 de janeiro de 1500, e batizado com o nome de Cabo de Santa Maria de La Consolación. Nas escolas municipais do Cabo, essa é a data ensinada às crianças como sendo a do descobrimento do Brasil (www.viagemdeferias.com/recife/pernambuco/cabo-santo-agostinho.php).

Devido aquela ebulição local, não se pôde perder a oportunidade de realizar uma caminhada com os regionais cabenses e alguns visitantes até a Igreja (localizada no ponto mais alto do Cabo). Em ritmo de prosa acompanhava-se o jovem guia local sem anseio de pressa, mas com rumo definido no trajeto (Vila de Nazaré). Naquela ocasião

ele pretendia apresentar seus relatos do que estava por vir, a Festa da Lavadeira e, também, a comemoração dos cinco séculos do cantado em verso (gigante pela própria natureza - Brasil). Mas, o guia em sua engenhosa narrativa nordestina abriu um parêntese e, depois, determinou um salto em sua fala. A intenção imediata dele foi cessar esse assunto e, trazer para o primeiro plano os relatos sobre o Cabo de Santo Agostinho, importante município da Região Metropolitana de Pernambuco o qual insere a Festa da Lavadeira em seu calendário turístico. A pausa provocada no relato sobre a aludida festa exacerbou ainda mais as curiosidades dos visitantes.

Inicialmente, o guia desejava falar da nova história do estado pernambucano. Ele reafirmava as notícias veiculadas pela mídia a respeito da outra versão da descoberta do Brasil pelos espanhóis em terras pernambucanas. Aquele jovem de timbre acentuado no discurso assegurava ser lá (mais a frente), em Nazaré, que se avistaria durante o trajeto o símbolo do ‘marco’. Para os regionais este monumento fincado em solo cabense assegurava a veracidade do descobrimento. Este episódio aproxima turisticamente Brasil e Espanha e, também, atrai visitantes para o município em busca dos atrativos turísticos, como a Festa da Lavadeira.

Segundo o guia observando-se a beleza do mar a partir do ponto mais alto do Cabo seria possível mirar o promontório que despertou a atenção dos espanhóis. Do alto, o cerne, é a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré datada do final do século XVI. No interior desta, o jovem, impostando sua força regional assegurou que todos estavam em local abençoado. Para ele esta edificação religiosa também representa uma simbologia a qual valida que antes dos portugueses, os espanhóis chegaram à terra do Cabo. O jovem guia finalizou essa parte da narrativa ao afirmar que os documentos oficiais do descobrimento em terra pernambucana estavam em:

Cidade-irmã do Cabo de Santo Agostinho, a espanhola Palos de La Frontera [...] conhecida mundialmente como la *cuna del Descubrimiento de América* (berço do descobrimento) já que foi desta cidade que se preparou a primeira viagem de Cristóvão Colombo. Ele partiu do porto de Palos em 3 de agosto de 1492, chegando em 12 de outubro do mesmo ano em terras do continente americano. Foi desta mesma cidade que em 19 de novembro de 1499 partiu o filho ilustre de Palos, Vicente Yáñez Pinzón que culminou com sua chegada em terras cabenses em janeiro de 1500 (<http://tribunapopular.wordpress.com/2008/02/05/artigo-sobre-palos-de-la-frontera-na-wikipedia>, grifos do autor).

Nota-se que os relatos prestados pelo guia até aquele momento “reportam a valorização dos bens culturais” (OLIVEIRA, 2006, p. 5). Satisfeitos com esta parte da narrativa os visitantes expressaram suas curiosidades por meio de interrogações sobre as “manifestações da cultura imaterial das comunidades locais. As festas congregam a maior expressão desse tipo de patrimônio” (OLIVEIRA, *ibidem*). Assim, surgiram as perguntas: Porque Festa da Lavadeira? Onde ocorre? Como é o acesso até o local da festa? Quais as datas da festa? Esta festa atrai muitas pessoas? Pessoas de fora participam? Se paga para participar da festa? Quais atrativos a festa apresenta? É uma festa religiosa?... Como estratégia turística para retorno dos visitantes o guia concluiu sua alocução sem nada responder. Porém, deixou o convite: o Cabo aguarda os visitantes, em primeiro de maio de 2000, na Festa da Lavadeira. Ressalta-se que isso foi provocativo para outro retorno ao citado município com direção a Praia do Paiva e rumo a Festa da Lavadeira.

Do modo que o guia exerceu sua narrativa, exercita-se essa escrita, pois se aplica uma pausa para chegar à efervescência da Festa da Lavadeira vivenciada em 2000. Buscam-se na memória (após dez anos) os registros sobre a mesma. Os apontamentos do passado associam-se aos dados do presente, oriundos da (24^a versão - Festa da Lavadeira - 2010). Em seguida traz-se a ebulição da Festa da Nossa Senhora da Abadia do Muquém e, ainda, o comparativo de semelhanças e diferenças entre os dois exemplos em questão.

Festa da Lavadeira: a Dinâmica da Comemoração no Lugar Simbólico e Turístico

No estado de Pernambuco e no município de Cabo de Santo Agostinho a data 01 de maio reúne o feriado nacional do trabalhador e o dia da Festa da Lavadeira, notadamente destacada no calendário turístico estadual e municipal. Alguns portais da *internet* (www.pinzon.com, www.pernambuco.com e www.ferias.tur.br) congregam subsídios referentes ao surgimento e a ascendência anual da festa. Isso aparecerá ao longo do artigo junto às informações relativas à Praia do Paiva, o lugar de origem e instalação da infra-estrutura desta comemoração. Na referida beira-mar encontram-se atrativos naturais e culturais que valorizam a terra natal deste “Santuário” Festivo e Turístico.

No ano de 1987 registra-se o ‘ato de nascer sem pretensão’ da Festa da Lavadeira. Diz-se que o produtor cultural Eduardo Melo encomendou uma escultura de lavadeira assinada pelo artista Ronaldo Sá. Esta foi exposta em área externa de sua casa, localizada na Praia do Paiva. Os moradores da comunidade tiveram interesse em conhecer a estátua. Isso fez Eduardo Melo realizar uma festa para apresentá-la aos “de dentro” (ALMEIDA, 2003, p. 71). Este foi o ato de surgir sem intenção da acenada comemoração. A partir de então os regionais começaram a colocar

oferendas aos pés da escultura [...] e fazer promessas, agradecimentos e pedidos. A comemoração também tem um aspecto religioso, pois a figura da lavadeira é um ancestral, filha de Iemanjá. Durante a festa, as oferendas para Iemanjá são colocadas próximas à escultura da lavadeira, ritual dos cultos afro-brasileiros (www.pinzon.com.br).

O expressivo ato dos ‘de dentro’ foi respeitado e valorizado por Eduardo Melo, pois “à medida que uma imagem transcende os limites de si mesma, transforma-se em representação que, por sua vez, se converte na encarnação da imagem, sua presença e o próprio ato de se fazer presente” (GIL FILHO, 2005, p. 53). De tal modo, a ação do proprietário da escultura “permite levar em conta o papel das representações, a dimensão subjetiva da percepção, o papel da emotividade, dos sentidos [...] na vida humana e social” (CLAVAL, 2008, p. 27). A partir da alusão deste autor se interpreta que as representações são registradas no cotidiano por meio do simbólico. Estas agem como mediações entre o concebido e o vivido, cujas dimensões sociais e afetivas estão expressas. Segundo Moreira (2007, p. 145) “o viver humano é uma unidade do simbólico e do real [...] impregnado de imagens e [...] significados.”

A comemoração destinada à Lavadeira, iniciada sem pretensão e aspiração de continuidade, cresceu ao longo dos anos (Figura 01). Notícias locais registram que “a Festa da Lavadeira se transformou no único evento do estado 100% voltado para apresentações de grupos da cultura popular” (www.pernambuco.com). Esta acepção difunde-se com veemência pela mídia (Figura 02) para favorecer ao estado e ao município o alcance do Título de Patrimônio Cultural do Povo Pernambucano.

A Lavadeira

Toda de branco, foi assim que no ano de Oxalá a Lavadeira recebeu o público superior a oitenta mil pessoas na 24ª Festa da Lavadeira.



Figura 1: Escultura da Lavadeira na festa de (2010).

Fonte: <http://festadalavadeira.blogspot.com>



Figura 2: Alusão popular sobre a Festa da Lavadeira.

Fonte: <http://festadalavadeira.blogspot.com>

A data, 01 de maio de 2010, registra a 24ª edição da Festa da Lavadeira nos principais veículos de comunicação, no calendário turístico municipal e na vida dos “de dentro” e dos “de fora” (ALMEIDA, 2003, p. 71). Estes participantes usufruem gratuitamente da comemoração. Conforme a mesma autora existe uma “pluralidade do olhar” (ALMEIDA, *ibidem*) de quem organiza, observa e participa deste “Santuário” Festivo e Turístico. Para uns a festa é ‘popular’. Para outros é ‘folclórica’. Ainda tem quem a considere ‘profana-religiosa’. Para Kozel e Galvão (2008, p. 35) “essas representações [...] constituindo-se no verdadeiro ‘ver’ das coisas”. Assim, por meio dessas “representações das pessoas [...] é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares [...] também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções [...] (ALMEIDA, 2003, p. 71). Deste modo, as formas de representação expressas anteriormente se coligam para compor a Festa da Lavadeira, comemorada em um único dia, dotado de apresentações de “maracatus, afoxés, cocos, ciranda, bacamarteiros, bois, caboclinhos, pastoris profanos, escolas de samba, ursos e banda de pífanos” (www.pinzon.com.br).

Segundo os grupos participantes, especialmente os de tradições afro-brasileiras, as formas de expressões nesta festa “na sabedoria popular é compreendido como a forma de comunicação da(s) divindade(s) com seus fiéis” (OLIVEIRA, 2006, p. 9). Para este mesmo autor o “significado simbólico de *profanação* está diretamente vinculado à idéia de disfarce, ilusão, capacidade de mascarar uma realidade” (OLIVEIRA, 2006, pp. 8-9). Contudo, estes grupos participantes caracterizam a Festa da Lavadeira não somente como profana. Para ele(a)s trata-se de uma festa profana-religiosa em que existe a “comunicação com o mundo sagrado” (OLIVEIRA, 2006, p. 9). Para os que cultuam a simbologia da Lavadeira não se trata de uma camuflagem do real. Isso lhes basta. É o que afirmam!

Na trama espaço-temporal em que a mencionada comemoração está inserida as relações sociais sofrem transformações. Comprova-se pelo Calendário Turístico Cultural de Pernambuco que a Festa da Lavadeira tornou-se um ‘evento’. Esta ao surgir, vinte quatro anos atrás, parecia manifestar o sentido de “festa [...] a contextualização de um rito [...]” (OLIVEIRA, 2006, p. 8). Todavia, a sua continuidade apresenta metamorfoses. Nas novas edições a Festa da Lavadeira “se traduz num processo de espetacularização” (OLIVEIRA, *ibidem*) o qual é característico, também, da ação do turismo nos “Santuários” Festivos. Neste exemplo pernambucano aqui tratado, a celebração espetacularizada recebe apoio do Governo Federal, Estadual e Municipal “que aguçam o papel político da *devoção ritual*” (OLIVEIRA, 2010a, p. 39, *itálicos do autor*). Deste modo, para a 24ª versão (2010) do evento a mídia projetou “a estimativa [...] de 50 mil pessoas [...] 48 atrações culturais de Pernambuco e de outros estados do Nordeste, além de 11 ritmos e brincadeiras populares” (www.pinzon.com.br).

A Prefeitura Municipal de Cabo de Santo Agostinho para comemorar a citada festa em 2010 garantiu ter disponibilizado profissionais de equipes de saúde, vigilância sanitária, guardas municipais, limpeza urbana e, ainda o apoio da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros. Todo este aparato para o evento reflete o interesse de outros fins políticos e turísticos para o município e o estado. Assim destaca a notícia:

Com o objetivo de melhorar a organização da Festa da Lavadeira [...] a estrutura de três dos quatro palcos do evento vai mudar de localização. Duas vias de acesso pavimentadas foram implantadas para facilitar o fluxo. A mudança ocorreu após negociação entre o produtor e artista plástico Eduardo Melo, criador da festa, e o Projeto Reserva do Paiva, que prevê a construção de um pólo de lazer, hotelaria, condomínios residenciais, comércio e serviços

(<http://tribunapopular.wordpress.com/2009/04/13/mudanca-na-festa-da-lavadeira/>).

Observa-se que o planejamento e execução da Festa da Lavadeira coadunam com a importância da Praia do Paiva e o Cabo. Para o Governo Estadual de Pernambuco este litoral e seu município representam grandiosas valias turísticas para o estado, o Brasil e o parceiro internacional europeu (Espanha). Recorda-se que Cabo de Santo Agostinho assinou ato de irmanamento com a cidade espanhola (Palos de La Frontera). Para representantes do *trade* turístico estadual e local esta ação proporciona ampliar o turismo em Pernambuco. A partir deste ato mútuo de cooperação internacional o idioma espanhol foi inserido no currículo escolar do citado município pernambucano. Até entidade nomeada de Instituto Cultural Vicente Pinzón (ICVP) ocupa espaço como instituição no Cabo. O *slogan* do descobridor espanhol expande, cada vez mais, a receita turística estadual e municipal. O Festival Pinzón realizado sempre em janeiro (considerado o mês do descobrimento) na praia de Gaibu (Cabo) é mais um exemplo de estratégia turística e política, pois ações “governamentais [...] agendam diversas iniciativas de promoção turístico-cultural” (OLIVEIRA, 2010a, p. 39) em outras paragens do entorno.

Divulgar o município do Cabo significa também anunciar a Festa da Lavadeira e a Praia do Paiva. Esta faixa de beira mar localiza-se entre o Rio Jaboatão e Itapoama, cerca de 17 km de Cabo de Santo Agostinho e, aproximadamente 50 km da capital Recife. A descrição turística deste litoral advém da visão colonialista de paraíso e apresenta-se nas difusões midiáticas e imagéticas sobre a Praia do Paiva e seus atrativos, como:

Uma paisagem com vasto coqueiral e o mar de um azul profundo, com areias claras e finas. Possui piscinas naturais devido à presença de arrecifes com águas mornas sendo muito procurada pelos turistas, moradores da região e surfistas, já que a praia possui boas ondas. Além de oferecer trilhas ecológicas pela mata para quem gosta de fazer exercícios, no dia 1º de Maio acontece uma das maiores manifestações culturais: a Festa da Lavadeira, com muitos shows de grupos de cultura popular da capital e interior do Estado (www.mochileiros.com/praias-do-cabo-de-santo-agostinho-guia-de-informacoes-t35432.html).

As abordagens ao longo do artigo demonstram a força da tríade (Cabo de Santo Agostinho, Praia do Paiva e Festa da Lavadeira). Tanto que foi lançado para a

feira de 2009 o documentário patrocinado pela Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural/Ministério da Cultura intitulado ‘Sou do povo, Sou a festa – Festa da Lavadeira’ difusor da trilogia (Lavadeira - festa afro-religiosa); (Cabo - município do descobrimento pelo espanhol Pinzón) e (Paiva - praia que abrange o maior evento da cultura popular nordestina).

São muitas as fronteiras porosas que o turismo alcança por meio das “cadeias engenhosas do lucro e da reprodução ampliada” (OLIVEIRA, 2010b, p. 1). Cabo de Santo Agostinho para o estado de Pernambuco é uma dessas fronteiras. Este município encontra-se somente a 33 km da capital com acesso pela BR-101-Sul ou PE-07, ambas duplicadas. No censo de 2004 sua população foi estimada em 166.286 habitantes. Em Cabo estão às praias mais comentadas do estado com reservas, manguezais e, ainda monumentos históricos datados do século XVI. Além destes atrativos turísticos o município possui o Complexo Industrial e Portuário do Suape.

No contexto sobre o município do Cabo e, também, pela descrição referente à Festa da Lavadeira é possível considerá-la uma festa popular? Ou esta comemoração é apenas um evento de “inúmeros rituais de encontro e celebração do *festejar no caos metropolitano*”? (OLIVEIRA, 2010b, p. 2, *itálicos do autor*). Este mesmo autor completa: “Uma festa/festival [...] interativa de múltiplas funções econômicas e ecológicas, sempre capaz de se re-inventar como uma justificativa para ‘atrair’ identidades novas e alteridades compatíveis com sua própria dimensão patrimonial” (OLIVEIRA, 2010b, p. 2). Ressalta-se que a instituição ‘Festa da Lavadeira - Ação Cultural’ por meio da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural/SID/MINC recebeu o Prêmio Culturas Populares - 2007. Outra conquista, o Prêmio Rodrigo Melo Franco (1998) e (2008), selecionou a Festa da Lavadeira como melhor projeto de divulgação da cultura popular do Nordeste brasileiro. O *site* oficial (www.festadalavadeira.com.br) divulga, sem maiores detalhes, que a mencionada festa percorre outros países, como ocorreu em 2007 na cidade de Ciampino - Itália.

O “Santuário” Festivo (se assim pode ser considerado a Festa da Lavadeira) de vinte e quatro atrás, como ressaltados ao longo da escrita, surgiu sem aspiração de continuar. No passado os ‘de dentro’ voltavam-se a filha de Iemanjá (escultura da Lavadeira) cultuando-a com suas oferendas. Naquele ano de 1987 está comemoração nasceu como um elo momentâneo da simbologia da escultura para com a comunidade

do Paiva. O que era elo passou a corrente e, posteriormente cadeia do turismo. A debatida festa não mudou de nome. Mas, de conjuntura, pois falar da Festa da Lavadeira no presente é transporta-se do local da escultura para os palcos armados na praia. Apesar de ser nacionalmente pouco divulgada, a aludida festa é internacionalmente conhecida naquela composição do tripé (Cabo, Paiva e Lavadeira) como citado anteriormente. Para os organizadores da Festa da Lavadeira as exposições desta comemoração no âmbito local, regional, nacional e internacional valorizam as demonstrações afro-brasileiras, “expressões ‘perseguidas’ pelas racionalidades institucionais – do Catolicismo e do Estado cristãos” (OLIVEIRA, 2010a, p. 44).

A partir desta discussão sobre a Lavadeira é alcançado o momento de inserir a Festa do Muquém no colóquio e, posteriormente debater o passo interpretativo do artigo demonstrando-se as semelhanças e diferenças nas aludidas festas.

Festa de Nossa Senhora da Abadia do Muquém: “Santuário” Festivo e Turístico

Falar sobre a Festa de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, primeiramente é pensar nos longos caminhos percorridos pelo Cerrado para participar da efervescente celebração. O distrito do Muquém no qual acontece a festa “está localizado a 447 km ao norte da cidade de Goiânia, fazendo parte do 2º distrito do Município de Niquelândia. O acesso se dá pela BR-153 – Belém - Brasília [...]” (ROSENDAHL, 1999, p. 40). De Niquelândia ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia do Muquém trafega-se 47 km. O jornalista Marcelo Abreu do Correio Braziliense ao narrar à matéria “Em nome da Fé” (2010) admirou-se da persistência dos devotos durante o percurso até o Santuário de Nossa Senhora da Abadia do Muquém. Estes numa peregrinação fervorosa não desistiram das suas crenças, pois a “peregrinação guarda [...] o sentido de sacrifício (ROSENDAHL, 2002, p. 4). Assim, ainda que quase desfalecidos pela árdua caminhada...

Mas eles vão. A pé, a cavalo, de carro, em ônibus [...] Vencem sol e frio [...] A sede. A fome. E chegam [...] entram naquele templo para pegar numa fita longa de cetim que conduz ao pé de uma santa, miudinha, colocada a oito metros do altar. O nome disso? Fé (www.correiobrasiliense.com.br).

A imagem da Nossa Senhora da Abadia do Muquém, descrita como ‘miudinha’ no tamanho (Figura 03), em devoção atrai “mais de 200 mil pessoas [...] numa enorme procissão em torno do gigante santuário [...] E eles terão a certeza de que nem o sangue que saiu dos pés e dos joelhos em carne viva será capaz de detê-los” (www.correiobraziliense.com.br). Nem a estação climática de inverno, extremamente seco, no Cerrado goiano impede a ida destes devotos até “o lugar do santo, o lugar superior e não profano, onde ocorre visivelmente o encontro simbólico do santo com o povo, num contato direto sem intermediários [...] (ROSENDAHL, 1999, p. 44).



Figura 3: Nossa Senhora da Abadia do Muquém - Niquelândia - GO.

Fonte: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/foto184/2010/08/15/fotos,i=1325/louvacao+a+nossa+senhora+d+abadia+em+muquem+go+fotos+de+breno+fortes.shtml>

Portanto, no período entre os dias 05 a 15 de agosto os “devotos [...] permanecem 10 dias consecutivos como numa espécie de vigília coletiva pela Santa” (OLIVEIRA, 2010b, p. 5). Aos pés de Nossa Senhora da Abadia do Muquém encontram-se fincadas às fitas que servem de fio condutor para “a comunicação mais completa com o divino” (ROSENDAHL, *ibidem*). É impossível tocar esta imagem no lugar de entronização. Mas, tomar a mão uma ou às duas fitas é demonstrar a ‘miudinha’ e ‘grandiosa’ Santa a abundante “fé no tempo e no espaço” (ROSENDAHL, 2002, p. 2). O Santuário de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, a cada ano, atrai

mais pessoas que se dispersam pelo espaço sagrado e profano da festa convivendo com os moradores do distrito, não mais que trezentas pessoas.

Ainda que, no município de Niquelândia, existam montanhas, rios, córregos, cachoeiras, trilhas ecológicas, o Lago de Serra da Mesa, o Monte da Cruz, o Monte Cruzeiro e outros atrativos, nenhum destes até o momento, consegue superar a “motivação religiosa” (ROSENDAHL, 1999, p. 82). Na Festa de Nossa Senhora do Muquém enfatiza-se a importância do Santuário Religioso, não o sentido de santuário ecológico decorrente das potencialidades locais e de forças ambientalistas. Contudo, mudanças são suscitadas pelos parceiros do planejamento turístico do município, como: a Prefeitura Municipal, a Goiás Turismo, o Sebrae - Goiás, o Santuário do Muquém, a Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Associação Comunitária Santa Efigênia e a Associação Comercial e Industrial de Niquelândia - ACIN). Segundo representantes das referidas entidades “o Planejamento Estratégico do Turismo Religioso de Niquelândia deve corrigir os caminhos espinhosos para o desenvolvimento da atividade no município”

(<http://www.agenciassebrae.com.br/noticia.kmf?canal=212&cod=8808299&indice=40>).

Enquanto estes conviventes institucionais de promessas políticas e turísticas confabulam suas estratégias, os devotos continuam as caminhadas e não consideram os percursos espinhosos, pois encontrarão a Santa em seu espaço divino. O Santuário da Nossa Senhora da Abadia do Muquém (Figura 04) está descrito como “um lugar simples e gigante, com chão de cimento e bancos de madeira. Cabem ali 22 mil pessoas” (www.correiobraziliense.com.br). Esse dado impressiona quem vivencia o depositar de fé, pedidos e agradecimentos à Santa nesta festa considerada mais antiga de Goiás (262 anos), completados em 2010. Segundo Rosendahl (1999, p. 44) “o roteiro devocional dos romeiros é centrado na ida ao santuário.” Durante esta contemplação a Nossa Senhora da Abadia do Muquém é possível participar de quatro celebrações (diárias) de missas, inclusive a sertaneja com sua santidade o ‘padre’ usando chapéu de *cowboy*. O representante religioso atrai os devotos para duas horas e meia de missa, também vestidos a caráter e efervescentes em sua fé reforçada pelos toques do berrante. Segundo Oliveira (2010b, p. 5) “a religiosidade popular não esconde a ruralidade que a consolida; seja no percurso de peregrinos, no interior do templo e no imenso acampamento de devotos [...]”



Figura 4: Interior do Santuário.

Fonte: http://parokiajesusbompastor.com/clero_28.htm

A Festa do Muquém agrega o comércio das mais de duas mil barracas nos espaços cadastrados. Nestas vendem-se bebidas, comidas e produtos diversos. Os aluguéis dos pontos destinam-se a ‘Sagrada Santa Igreja’. Conforme Rosendahl (1999, p. 47) “o comércio em Muquem se expande numa área de propriedade” da Instituição Religiosa. Oliveira (2010b, p. 5-6) expressa que “do lado institucional, o mais proeminente desses indicadores é a parceria Igreja/Secretaria do Meio Ambiente/IBAMA. Um exercício de conciliação pioneiro [...] entre a ortodoxia católica e a gestão do desenvolvimento sustentável” na citada festa. A matéria ‘Muquém, a Romaria da Fé’ (2010) relata algumas dessas parcerias firmadas desde a Festa do Muquém em 2009. Naquele ano houve a missa com *slogan* ambiental (Missa Verde). Após esta celebração outro evento o (4º Festival de Música Ambiental/Femam-Ibama) adotava igual vertente ecológica. Ocorreu também a (Missa da Terra e da Água) e o (Coral Sinfonia do Cerrado) e, ainda, as promessas políticas de instalações de climatizadores e torres de telefonia celular para a festa de 2010.

Neste “Santuário” Festivo e Turístico a efervescência ‘sagrada’ e ‘profana’ agrega a romaria, a missa, a novena, a procissão dos motos-fé, a boda de ouro dos romeiros, o show de (dupla sertaneja, Dj e padre *pop*) e, ainda a queima de fogos e o comércio diversificado na feira. De fato na Festa da Nossa Senhora da Abadia do

Muquém cabe “devoção sem limites e curtição adoidada [...] rezando, dançando e bebendo [...] No Muquem santidade e pecado convivem juntinhos” (www.correiobraziliense.com.br). Segundo Oliveira uma convivência “de forma indistinta: sacro-profana” (OLIVEIRA, 2010a, p. 44). Ainda para este autor “não há festa sagrada sem o dimensionamento permanentemente do espaço profano” (OLIVEIRA, 2010b, p. 7). Rosendahl (1999, pp. 46-47) completa:

O sagrado está no alto da colina, onde abriga o símbolo da devoção e se confunde com a igreja. O espaço profano, na parte mais baixa do terreno, é o espaço destinado ao comércio e ao lazer, numa espetacular mescla entre cerimônia religiosa e atividades profanas. A missa, a procissão e o sermão representam a marca do sagrado oficial. A dança, as freqüentes bebedeiras e as brigas testemunham o profano.

O profano do Muquém também pode ser testemunhado nas ações dos políticos. Estes não perdem tempo em praticar os ‘pecados das promessas’ com as suas próprias ‘imagens’ nos ‘santinhos’ impressos e distribuídos as multidões que por ali passam. Na vivacidade política tentam ser mais venerados que a própria Santa. É o poder público ofertando a sua ‘hóstia’ ao longo da Rodovia da Fé até chegar a Festa da Nossa Senhora da Abadia do Muquém em Goiás ou em outras fronteiras percorrendo a Rodovia do Cabo para depositar suas ‘oferendas’ na Festa da Lavadeira em Pernambuco.

Lavadeira e Nossa Senhora da Abadia do Muquém: Semelhanças e Diferenças nos “Santuários” Festivos e Turísticos

A partir de toda a discussão relacionada à Festa da Lavadeira é chegada à hora do passo interpretativo do texto, pois “a procura de semelhanças e diferenças constitui a motivação básica pela qual se realizam estudos comparativos” (ROSENDAHL, 1999, p. 75). Recordar-se que o colóquio proposto deve ser capaz de identificar similaridades e alterações entre a Festa da Lavadeira e da Nossa Senhora da Abadia do Muquém. Sendo assim, nessa transposição mental desde a Praia do Paiva na Mata Atlântica até o distrito do Muquém no Cerrado reflete-se sobre os vetores Mítico-Religioso, Político-Turístico e Mediático-Econômico/Ecológico influentes em ambas as festas.

Para explicar as semelhanças e diferenças propostas opta-se por destacar a experiência vivenciada na (Festa da Lavadeira) complementando-a com levantamentos de informações realizadas para os dois objetos comparados. Constatam-se mais diferenças que semelhanças nas duas festas. Os dois povoados (Praia do Paiva) e (Muquém) diferem em região, bioma, acesso, público, infra-estrutura para a festa e significado destas para os visitantes, os regionais locais e os organizadores. Conforme foi descrito anteriormente o acesso ao local da Festa da Lavadeira não revela longa distância, nem tão pouco uma trajetória sofrida, pois está em rota econômica e turística de Pernambuco. Para boa parte dos visitantes e/ou participantes dos grupos afro-brasileiros e populares compartilham desta comemoração não significa contemplarem a Lavadeira. De forma simbólica a filha de Iemanjá cultuada pelos ‘de dentro’, apenas nomeia a festa para ‘os de fora’.

A dinâmica da Festa da Lavadeira ocorre no entorno da infra-estrutura preparada pelo poder público estadual e municipal. Na edição de 2010 os organizadores expuseram quatro Pontos de Cultura vinculados ao Programa Cultura Viva. Durante doze horas ininterruptas (10h00 às 22h00) as apresentações culturais aconteceram em três palcos e um circo. Estas estruturas receberam os nomes de elementos da natureza (Mata, Mar, Vento e Terra) com propósito mítico e ecológico. Esta arena reinventada a cada ano serve de anfiteatro para projetar politicamente os organizadores do efervescente “Santuário” Festivo e Turístico.

Ao longo de todo o relato do artigo e, especialmente, no que tange as semelhanças e diferenças “desta feita, é possível lidar com o vetor político-turístico como um campo de mediações e negociações entre o vetor mais tradicional (Mítico-Religioso) e o mais tecnológico (Mediático-Sustentável)” (OLIVEIRA, 2010b, p. 12). Na Festa da Lavadeira é provável considerar maior influência do vetor político-turístico, pois toda a sua organização como festa/festival parte do poder público numa abrangência local, estadual, regional e internacional. O evento em si acontece numa rota estadual e municipal com infra-estrutura turística consolidada no espaço taticamente político do Complexo Portuário do Suape. Outra estratégia política com a Festa da Lavadeira é a veemência de torná-la Patrimônio Cultural do Povo Pernambucano para dificultar o desenvolvimento do turismo com fins imobiliários na Praia do Paiva e no

Cabo numa ação Mediático-Econômico/Ecológico. Nestas faixas litorâneas encontram-se áreas de reservas, rios, mangues, populações tradicionais, patrimônios materiais e imateriais (difundidos), especialmente durante a festa por meio dos das expressões culturais apresentadas e, ainda, pelos quatro elementos da natureza que dão nome aos palcos erguidos no interior da festa a fim de demonstrar a simbologia da Filha de Iemanjá no Mítico-Religioso da Lavadeira, pois “para o homem [...] a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado” (ROSENDAHL, 2002, p. 8).

Partindo-se para a compreensão da Festa de Nossa Senhora da Abadia do Muquém evidenciam-se os processos advindos do vetor Mítico-Religioso. Afinal, somam-se quase três séculos de devoção a Santa em destacado Santuário do país. A via de acesso (GO-237), com propósito concreto, chama-se Rodovia da Fé, ou seja, os devotos rumam na crença com auxílio do vetor Político-Turístico, pois “a peregrinação católica pode oferecer o aspecto turístico” (ROSENDAHL, 2002, p. 5). Vê-se que os organizadores da festa validam o vetor Político-Turístico ao afirmarem que oferecem “toda a estrutura para o romeiro que decidiu por fazer sua caminhada [...] A cada ano nesta parceria da prefeitura com os padres e com a Igreja Católica, estamos melhorando [...] o povoado do Múquem” (<http://www.jornaldiariodonorte.com.br/site/cidades.php?cod=4019>). Para a aclamada festa é necessário, cada vez mais, novos ajustamentos no lugar para abarcar as multidões de devotos. Como exemplo, a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), contribui com a instalação do Centro de Apoio ao Romeiro disponibilizando alimentação, água potável, atendimento em saúde, banheiros químicos e duchas para banho na Rodovia da Fé. Assim sendo, esta festa se adéqua também por imposição política e eclesial ao vetor Mediático-Econômico/Ecológico, como visto anteriormente.

Considerações finais

Trazer para a discussão a Festa da Lavadeira e propor um comparativo com a da Nossa Senhora da Abadia do Muquém, certamente ainda é um desafio, desde a temporalidade (uma com 24 anos e a outra com 262) até as suas representações (uma

profano-religiosa e a outra religiosa). Neste primeiro exercício, ao menos se tenta apresentar a Festa/Festival da Lavadeira e conhecer um pouco sobre a Festa do Muquém (ainda que sem a vivência pessoal).

No meio do espetáculo da Lavadeira para aqueles participantes que são (de fora), certamente ainda perdura enraizado o ritual demonstrado pelos (de dentro) à simbologia da lavadeira em forma de escultura. A oferenda não precisa de data para ser levada e depositada aos pés da Filha de Iemanjá. Isso comprova que esta imagem, encravada na Praia do Paiva, continua atraindo os regionais do lugar. É uma maneira também destes regionais no ritual à lavadeira demonstrarem o respeito as suas crenças, mesmo que “ódios religiosos históricos continuam a atormentar o homem nesse século” (ROSENDAHL, 2002, p. 13).

Conforme revela o *site* oficial deste evento o dia 01 de maio simboliza-se na representação da lavadeira que atrai os regionais cabenses e os visitantes para o campo da Festa/Festival ou Evento Cultural institucionalizado pelos patrocinadores e apoiadores. Os dez últimos anos desta festa conforme divulgado nos veículos de comunicação demonstra sua reinvenção e continuidade. A simbologia da lavadeira agora circula como uma enorme boneca no espaço da festa, semelhante aos bonecos gigantes de Olinda apresentados no carnaval pernambucano. Para Oliveira (2006, p. 9) “[...] nas tradições afro-brasileiras a Festa Profana veicula mais diretamente e abertamente sua estrutura de comunicação com o mundo sagrado. Literalmente compreendido como um ‘fenômeno santo’, o intocável” nas festas de raízes cristãs. Ainda para Oliveira (2010a, p. 46) “os mais diversos exemplos de espetáculos [...] cooperam para pensar a valorização patrimonial vinculada ao paradoxo do sagrado x profano.”

Para a Festa do Muquém foi importante analisá-la mediante a experiência descrita por Rosendahl e, balizá-la com o escrito atual de Oliveira (2010b). As citadas publicações demonstram as mudanças na dinâmica desta festa de matriz religiosa cristã. Isso também está evidente na matéria “Em nome da Fé” (2010). A Festa da Nossa Senhora da Abadia do Muquém é mais um exemplo que o turismo não é determinado segundo Oliveira (2010a, p. 47) “*apenas* pelos atrativos naturais (das praias, do sol [...] e das tradições nordestinas” como na Festa da Lavadeira.

Ainda sem findar..., pois o tema referente aos “Santuários” Festivos requer maiores reflexões, especialmente quando aliado ao turismo..., pode-se neste primeiro ensaio considerar segundo Oliveira (2006, p. 8) que “[...] cada movimento, cada investimento da composição de uma festa sagrada visando fortalecer sua eficiência (material e simbólica) se traduz num processo de *espetacularização*”, certamente mais aberto nas festas de matrizes religiosas não cristãs (Festa da Lavadeira). Portanto, algo ainda dissimulado nas festas de matrizes religiosas cristãs (Festa de Nossa Senhora da Abadia do Muquém), em função dos controles diocesanos. Este processo de espetacularização, oculto ou não, comunica-se com o turismo e, por meio deste fenômeno “[...] surgem os aspectos que reportam a valorização [...] da cultura imaterial [...] As festas [...] E a sua capacidade de envolver o Turismo [...] cria [...] facilidades para o diálogo com o campo religioso” (OLIVEIRA, 2006, p. 5).

É possível demonstrar, por meio da comparação entre as duas festas, que nas suas dinâmicas para construir as comemorações anuais existem diferentes intervenções dos vetores Mítico-Religioso, Político-Turístico e Mediático-Econômico/Ecológico. Deste modo, cada uma delas evidencia a construção de “crenças [...] para o cultivo e a transmissão coletiva de um valor” (OLIVEIRA, 2010a, p. 30) correspondente a um patrimônio contemporâneo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do Sertão. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, A. J. P. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

ARTIGO SOBRE PALOS DE LA FRONTERA. Disponível em: <<http://tribunapopular.wordpress.com/2008/02/05/artigo-sobre-palos-de-la-frontera-na-wikipedia>>. Acesso em ago. 2010.

CABO DE SANTO AGOSTINHO. Disponível em: <<http://www.viagemdeferias.com/recife/pernambuco/cabo-santo-agostinho.php>>. Acesso em ago. 2010.

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na geografia humana? In: SERPA, Ângelo. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUBA, 2008.

EM NOME DA FÉ. Disponível em: <<http://www.correiobraziliense.com.br>>. Acesso em ago. 2010.

FÉ QUE SE RENOVA HÁ 261 ANOS. Disponível em:<
<http://www.jornaldiariodonorte.com.br/site/cidades.php?cod=4019>>. Acesso em: jan.
2011.

FESTA DA LAVADEIRA EXALTA A CULTURA POPULAR. Disponível em: <
<http://www.pinzon.com.br>>. Acesso em ago. 2010.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia cultural: estrutura e primado das representações. Espaço e Cultura. UERJ, RJ, Nº. 19-20, jan./dez, 2005, pp. 51-59.

KOZEL, Salete; GALVÃO, Wilson. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 5, dez/2008, p.33-48.

MOREIRA, Rui. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de histórias, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MUDANÇA NA FESTA DA LAVADEIRA. Disponível em: <
<http://tribunapopular.wordpress.com/2009/04/13/mudanca-na-festa-da-lavadeira/>>.
Acesso em ago. 2010.

MUQUÉM, A ROMARIA DA FÉ. Disponível em:
<<http://revistaexata.com.br/rexexata/?p=404>>. Acesso em fev. 2010.

MUQUÉM, EM GOIÁS, ATRAI ROMEIROS MAS OCULTA SUAS BELEZAS NATURAIS. Disponível em: <
<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=212&cod=8808299&indice=40>>.
Acesso em: ago. 2010.

OLIVEIRA, Christian D. M. de. A Geografia das festas do interior: mediações culturais entre religiosidade, turismo e educação. In: SILVA, José B. da; DANTAS, E. W. C.; ZANELLA, M. E.; MEIRELES, A. J. de A. (Orgs.). **Litoral e sertão**: natureza e sociedade no nordeste brasileiro – Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

OLIVEIRA, Cristhian D. M. de. Desafios contemporâneos das cidades-santuários no estado do Ceará (Brasil): políticas patrimoniais e diocesanas. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 37-51, maio/2010a.

OLIVEIRA, Cristhian D. M. de. **Festa Religiosa Metropolitana e Santuários da Natureza**: ensaio metodológico na compreensão patrimonial dos lugares simbólicos. No prelo. 2010b.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

PRAIAS DO CABO DE SANTO AGOSTINHO: GUIA DE INFORMAÇÕES.
Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/praias-do-cabo-de-santo-agostinho-guia-de-informacoes-t35432.html>>. Acesso em ago. 2010.

ROSENDHAL, Zeny. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

ROSENDHAL, Zeny. Geografia da Religião: uma proposição temática. **GEOUSP**, Espaço e Tempo, Nº 11, São Paulo, 2002, pp.9-19.